

São Paulo, 05 de junho de 2012
A Tragédia dos Comuns continua viva

Por Alexandre Yokote

O artigo a Tragédia dos Comuns de Garrett Hardin publicada em 1968 na Science, continua viva, mas ainda negligenciada nesta época de crises financeira.

Quando foi escrito, o cenário também era de crise, mas era o período da guerra fria, das revoltas contra a opressão dos governos, da busca pela LIBERDADE, mas também da concorrência pela hegemonia mundial financeira e geopolítica.

O cenário era realmente diferente na questão de tecnologia, mas o mundo ainda hoje briga por liberdade e poder econômico. Aparentemente não temos mais a guerra fria e a corrida bélica e espacial, mas temos ainda a concorrência de grandes motivada pelas grandes corporações e um mundo movido pela rápida comunicação e crescimento das redes sociais.

Infelizmente continuamos buscando a sobrevivência darwinista e portanto muitos ainda negligenciam a consciência cooperativista sobre os bens comuns. Duas leis ainda regem o planeta, a Lei da Seleção Natural e a Lei dos Ciclos Biogeoquímicos, enquanto mantínhamos a conformidade, o mundo vivia em um equilíbrio, mas à partir do momento em que infringimos os parágrafos da lei, quebramos o equilíbrio do planeta gerando poluição e esgotamento de recursos.

Muitos devem agora estar se perguntando, a teoria da seleção natural de Darwin, hoje é atendida naturalmente ou artificialmente? Pense na pesca predatória, na pecuária intensiva, no desmatamento,

Na questão sobre poluição o artigo tratava-se de dois pontos importantes:

Bens de uso comum: “aqueles para os quais inexitem critérios de propriedade que garantam o uso exclusivo, ou seja, são colocados simultaneamente à disposição de todas as pessoas, não se podendo individualizar a sua utilização. Outra característica é a sua indivisibilidade.”

Capital natural: “bens fornecidos pela natureza como matéria-prima e serviços providos para processamento dos rejeitos gerados, dentro das capacidades limitadas do planeta.”

O ar, a água, a riqueza dos solos, as florestas, a fauna, as paisagens naturais, ... são todos bens comuns, ou deveriam ser.

Dizer que não se paga nada por esses bens comuns, já não é totalmente verdade, mas será que pagamos um valor adequado? Ou ainda paga-se muito pouco e portanto o dilema continua e portanto a concorrência política e econômica fala mais alto?

Com certeza devemos estar pagando pouco, pois os impactos ambientais estão crescendo e o planeta se esgotando. Falta de água doce, mudanças climáticas, Poluição atmosférica, escassez de espaço físico, falta de alimentos,

A expansão do pagamento pela captação de água, uso e descarte nas bacias hidrográficas, o Protocolo de Montreal para gases destruidores de camada de ozônio, o Protocolo de Quioto para gases de efeito estufa, foram e são importantes ações, mas o custo de centavo para o metro cúbico de água é algo desprezível até para o preço de uma garrafa de refrigerante, a eliminação de gases destruidores da camada de ozônio está sendo seguida, mas nunca se vendeu tanto protetor solar quanto agora. No caso dos gases de efeito estufa, os grandes poluidores ainda não chegaram a um acordo mundial e muitos dos que tinham ratificado o protocolo desejam sair em função da grave crise econômica mundial. A redução das emissões de gases de efeito estufa

ainda é visto como uma ação custosa e que reduziria o crescimento econômico, dois pontos que assolariam mais a resiliência das nações.

O valor negociado dos créditos de carbono nunca esteve tão baixo.

A Rio+20 nunca esteve tão desacreditada. Não sei se as maiores notícias mundiais foram sobre o custo exorbitantes da hotelaria carioca para o período da Rio+20 ou foram para as discussões sobre sustentabilidade. De qualquer forma o fato da crise econômica europeia com a contenção de custos impor limites às despesas e a necessidade de se ganhar ou aproveitar oportunidade do evento pelo setor turístico do Rio, mancharam a imagem do evento.

Mas como defensores da sustentabilidade, nós temos que continuar acreditando e agindo.

Hoje é dia 05 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente. Segundo a ONU, a data começou em 1972 e cresceu com o passar dos anos, a ponto de se tornar o principal evento em que a ONU estimula a sensibilização mundial pelo meio ambiente e incentiva atenção e ações políticas. O tema de 2012 para o Dia Mundial do Meio Ambiente é "Economia Verde: Ela te inclui?".

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) define Economia Verde como uma que resulte em melhoria do bem-estar humano e da equidade social ao mesmo tempo em que reduz de forma significativa os riscos ambientais e a escassez ecológica. Na sua expressão mais simples, uma economia verde pode ser entendida como uma economia de baixo carbono, uso eficiente dos recursos e inclusão social. Do ponto de vista prático, a Economia Verde é aquela cujo crescimento de renda e empregos é conduzido por investimentos públicos e privados que reduzem as emissões de carbono e a poluição, que aumentam a eficiência do uso dos recursos e da energia e evitam a perda da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos. Esses investimentos devem ser catalisados e apoiados por reformas de políticas, mudanças nos regulamentos e direcionamento de despesas públicas. De certa forma é o conceito da ECOEFICIÊNCIA, gerar mais valor com menos impacto.

Este ano, não devemos também esquecer da INCLUSÃO SOCIAL, como parte das ações para gerar valor em vista à uma melhor qualidade de vida e equidade social. Afinal também estamos no Ano do Cooperativismo.

Não precisa ser hoje, inclusive isso tem que ser parte do seu dia a dia, comemore, pense e faça algo pela economia verde, essa pode ser uma grande oportunidade para sua seleção natural.



DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE | 5 DE JUNHO
Economia Verde: Ela te inclui?